

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: atendimento à demanda e inovação em tecnologias de ensino-aprendizagem

Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias (UnB)

Profa. Mestre Maria Marlene Rodrigues da Silva (UnB)

Resumo:

Esse trabalho é fruto do desenvolvimento de três projetos integrados e desenvolvidos pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas/Instituto de Letras (LIP/IL) da Universidade de Brasília. O departamento é responsável pela oferta de disciplinas de texto (Leitura e Produção de Textos, Português Instrumental 1, dentre outras), para diversos cursos de Graduação, somando uma demanda semestral de cerca de 800 alunos/as. São disciplinas voltadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, sobretudo, leitura e produção de textos acadêmicos. Nossa proposta é apoiada pelos pressupostos teóricos da Linguística textual e da Análise de Discurso e nosso aporte metodológico está baseado na reescrita textual, a partir do uso das TCIs, pela plataforma de ensino Moodle e fazendo uso, sobretudo, de escritas e reescritas orientadas no nosso Laboratório de texto, em funcionamento desde 2009. Variadas pesquisas foram realizadas ao longo dos últimos dois anos nessa área, sob a orientação dos professores do departamento, promovendo um diálogo efetivo entre as diversas áreas de conhecimento da Linguística: Linguística Textual, Análise de Discurso, Sociolinguística, Lexicologia, entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: texto, correção, escrita, reescrita de textos acadêmicos.

1. Introdução

Paulo Freire (1981) trata em seu texto “*A importância do ato de ler*” sobre como a leitura da ‘palavramundo’ envolveu sua experiência existencial. Em suas palavras, “retomo a infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ler, em um mundo particular (...) absolutamente significativo. Neste esforço, a que vou me entregando, recrio e revivo, no texto em que escrevo, a experiência vivida”.

Ler, compreender o que se lê e escrever bons textos são objetivos comumente traçados pelos professores e estudantes no meio universitário. O desafio que propomos vai um pouco além: ler e interagir com o texto, escrever e marcar a identidade dessa autoria, trabalhar no bojo de uma concepção de texto como interação e entender os sujeitos participantes do diálogo em sala de aula como pessoas capazes de resistirem a ideologias cristalizadas e capazes de desenvolverem uma consciência crítica da linguagem.

O trabalho pedagógico com leitura e produção textual nas universidades e instituições educacionais de nível superior é bastante conhecido em função da grande demanda de variados cursos. Na Universidade de Brasília observamos, desde 2009, que as estratégias de ensino-aprendizagem de textos estavam defasadas em função de uma série de fatores que caminhavam desde a carência de profissionais qualificados, até a ausência de uma linha teórica norteadora e capaz de agregar o trabalho em equipe com estímulo e ousadia. Bem, foi o que fizemos nos últimos quatro anos: inauguramos uma nova fase do trabalho de leitura e produção de textos na UnB, por meio da reunião e união do grupo de professoras, substitutas e efetivas da UnB, e a partir de um projeto intitulado “Desenvolvendo um método inovador para o ensino de Leitura e Produção de Textos na Universidade de Brasília: a reescrita de textos”, o qual contou com o apoio do Reuni, dividimos com alunos bolsistas de graduação a correção dos textos produzidos e as orientações de reescritas no Laboratório de Produção de Textos do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. O pilar que sustentou o projeto na UnB foi a interação rica e ativa entre as professoras – nos encontros de planejamento e avaliação- e entre os alunos- nos eventos científicos que foram especialmente construídos para que os quase 800 alunos por semestre pudessem apresentar os textos produzidos ao longo dos cursos Leitura e Produção e Textos e Português Instrumental.

Em 2011 surgiu então o desejo de produzirmos um material inédito e apropriado para nosso projeto centrado na reescrita de texto e no desenvolvimento das leituras: ativa, analítica e crítica. Durante os dois anos seguintes, nasceram quatro obras diferentes e complementares: (i) um livro didático que passou a ser usado em todas as 15 turmas de textos da Universidade de Brasília; (ii) um manual de conhecimentos gramaticais da Língua Portuguesa associados à leitura e análise de textos; (iii) um livro de caráter teórico escrito especialmente por professores efetivos do Departamento de Linguística da UnB para se tornar nosso livro de Leitura e produção de textos; e, finalmente, (iv) um livro de cunho científico que traz uma série de artigos a partir das pesquisas realizadas nas diversas áreas de conhecimento da Linguística com base no corpus do Laboratório de textos, composto pelas diferentes versões de variadas propostas de produção de textos, reunidas em portfólios individuais- chegamos a ter 6.400 portfólios arquivados em nosso laboratório, todos com as devidas autorizações dos alunos para fins de pesquisa.

Observamos um ponto de dispersão entre os professores dessa área ao darem primazia aos conhecimentos estruturais da língua ou, por vezes, muito complexos para alunos de outros cursos, em detrimento ao trabalho efetivo com os gêneros que circulam na Universidade, provocando a sensação de perda de sentido da disciplina no interior de sua sala de aula. Os alunos chegam às Universidades com os esquemas cognitivos de produção de texto encaixados em padrões textuais do vestibular, os quais foram massivamente reprisados no Ensino Médio. Nossa primeira tarefa nas disciplinas de textos da Universidade deve ser a de desencaixar esse aluno de seu esquema mental cristalizado, para que ele possa se reencontrar dentro de seu próprio texto. Cada vez que ele tem a oportunidade de escrever com criatividade, de experimentar, de ousar e de testar sua autonomia ao receber o texto corrigido com muito cuidado (com vários comentários, com legenda para autocorreção, entre outras estratégias), esse aluno vai gradativamente sendo capaz de entender sobre produção de texto, sobre suas identidade de escritor, sobre quem sou eu produzindo textos- orais e escritos.

1. Entendendo as diferentes concepções de texto

Ao nos perguntarmos o que entendemos por texto vamos nos deparar com respostas como: “é um todo repleto de sentido”, “é algo escrito que tem coesão e coerência”, “é uma mensagem e uma comunicação”. A partir destas ideias preliminares, percebemos quais são as noções mais tradicionais de texto que circulam na mente das pessoas: texto só é texto se for escrito; texto precisa ser coeso e coerente; texto serve para comunicar algo para alguém.

De fato, tradicionalmente, entende-se por texto um conjunto de enunciados inter-relacionados formando um todo significativo, que depende da coerência conceitual, da coesão sequencial entre seus constituintes e da adequação às circunstâncias e condições de uso da língua.

Todavia, o conceito de texto, sob o ponto de vista das modernas teorias linguísticas, pode ser entendido de maneira mais abrangente. Ao ampliar esta noção, incluímos a noção de comunicação, de acordo com a qual o texto só faz sentido porque foi escrito com um propósito comunicativo por alguém e remetido para outro alguém por meio de um canal específico. Para ilustrar essa segunda concepção de texto como unidade comunicativa, citamos os elementos importantes para caracterização de um

texto estabelecido por, Roman Jakobson: código, emissor, mensagem, receptor, canal e referente.

Essa visão ainda não contempla um trabalho crítico com os textos, uma vez que parte do pressuposto de que a função básica do texto é a comunicação e que o papel do leitor é de receptor de mensagens. Ao restringir o papel do leitor, essa concepção não é capaz de desvelar mecanismos textuais que escondem ou revelam as relações de poder, a visão crítica, o papel ativo de quem lê o texto e também de quem o produz.

Segundo Ingedore Koch (1999), o texto é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em sequência, durante a atividade verbal, de modo a permitir a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Encarar o texto como um produto histórico-social, relacioná-lo a outros textos armazenados na memória textual coletiva, admitir a multiplicidade de leituras por ele ensejadas são desafios permanentes para um ensino consequente da Língua Portuguesa.

Daí podermos falar de texto verbal, texto visual, texto verbal e visual, texto musical, texto cinematográfico, texto pictórico, entre outros.

Não se trata, contudo, de rejeitar as concepções anteriormente firmadas e exploradas no trabalho pedagógico com texto. Nossa proposta é apresentar uma triangulação dessas três concepções para ancorar nossa prática em uma visão teórica mais dinâmica e enriquecedora. Nessa perspectiva discursiva, damos ênfase ao papel do sujeito leitor que atuará investido de um papel ativo de leitura, daí o termo leitura ativa.

2. Leitura e leituras

A leitura é uma prática social que remete a outros textos e a outras leituras. O momento da leitura é quando “colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças, atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados” (Kleiman, 2000, p.10).

A compreensão de texto é um processo complexo em que interagem diversos fatores como conhecimentos linguísticos, conhecimento prévio a respeito do assunto do texto, conhecimento geral a respeito do mundo, motivação e interesse pela leitura, entre outros.

A leitura é, pois, um instrumento de luta e de conscientização, que pode ser usado ou não. A leitura de textos é destacada por Janks e Ivanic (1992) que a consideram como uma prática crítica e interrogativa de leitura baseada na consciência dos leitores frente a textos fechados que impõem visões de mundo unilaterais. A leitura opositiva parte da rejeição da posição de sujeito leitor ideal, aquela posição construída pelo texto, transparecendo como verdade absoluta.

Stephens (1997, p. 21) acredita que, quando o leitor lê coerentemente um texto sem questionar ou discordar, ele está assumindo uma posição de sujeito que o torna um leitor implicado, ou seja, um leitor que é ideal e assume as posições de sujeito propostas na narrativa pelos ‘focalizadores’. Cada texto tem um, ou mais, focalizadores na figura do narrador (no caso de o foco narrativo ser em primeira pessoa) ou no personagem principal (quando o foco é em 3ª pessoa). A forma como o personagem focalizador é apresentado e considerado pelos outros personagens, oferece pistas de que tipo de focalização está sendo efetivada.

O processo da leitura implicada (ideal ou coerente) está relacionado com a construção da coerência como um encontro entre as suposições e conexões dos produtores e dos leitores. Ademais, os textos estabelecem posições interpretativas ou posições de sujeito a partir das quais os leitores ligam sua memória discursiva, sua bagagem cultural para desvendar as cadeias intertextuais, compartilhar suposições e, finalmente, fazer leituras coerentes. Segundo Stephens (1997, p.58), esse tipo de leitura pressupõe intérpretes submissos, leitores implicados, o que não ocorre necessariamente em toda leitura. Os intérpretes não só são sujeitos do discurso como também são sujeitos sociais, o que implica dizer que eles possuem experiências, intertextos e interdiscursos capazes de extrapolar leituras fechadas. São, pois, leituras resistentes, de mundo e da palavra, que possibilitam as mudanças no interior das práticas sociais.

3. A linguagem como evento social permeado por gêneros

Um dos assuntos mais relevantes e que potencializam discussões é o conceito e a abrangência dos gêneros textuais. Diversos teóricos renomados refletem em suas ancoragens específicas a relevância dos gêneros textuais ou gêneros discursivos, conforme outros mencionam. Motta-Roth e Kleiman, na linguística do letramento, Koch e Marcuschi, na linguística do texto e Fairclough, na linguística do discurso são exemplos de autores que consolidam essas discussões como importantes.

Nos estudos críticos do discurso, Fairclough (2001) aponta que os gêneros constituem modos de agir e interagir no curso da vida social em que estamos inseridos. A partir dessa concepção, compreendemos que nos ambientamos na abordagem escrita ou falada dos textos, o que nos distinguirão de modo efetivo e funcional. A linguagem, por ser um elemento que constitui a realidade do ser humano, enquanto o discurso é um dos seus marcadores principais.

Marcuschi (2009) também considera as noções de tipo ou tipologia textual e propõe que esta diz respeito aos recursos linguísticos utilizados para a composição dos gêneros, isto quer dizer que são características componenciais dos gêneros. Gêneros, por sua vez, são modos, maneiras linguísticas de estruturar uma sociedade para que esta se firme e se concretize como tal. Além disso, a teoria de Fairclough nos faz ler que ainda existem os gêneros situados, que legitimam não só fenômenos mentais, mas também atividades materiais concretas que constituem uma rede particular de práticas, como uma pesquisa de doutorado, um vestibular, um concurso público.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo Rojo (2008), discutem e põem em xeque a relevância e como os gêneros discursivos deverão se articular em meio à didatização. A partir da leitura crítica da autora, chega-se à ideia de que os PCNs, na verdade, mostram influência direta com as teorias textuais, como a teoria bakhtianiana e o diálogo entre gênero e escola da Universidade de Genebra. Dentro dessa perspectiva teórica, há três elementos que irão circundar a constituição dos gêneros do discurso. São eles: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Estes elementos, na visão de Bakhtin, “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinada esfera da comunicação” (ROJO, 2008, p. 93).

Dentro desse diálogo teórico, em consonância com o entendimento do que preveem os PCNs, percebe-se que o ensino de língua portuguesa deve privilegiar um espaço para as práticas de uso da linguagem, sejam elas concebidas em uma dimensão histórica.

4- Nosso projeto de textos da UnB

As disciplinas de texto foram fundamentais para instrumentalizar os/as alunos/as de graduação com competências básicas para seu desempenho nos diversos cursos oferecidos pela Universidade e para sua vida acadêmica. A longa e consolidada experiência do LIP com a oferta de disciplinas de texto já demonstrou que o/a aluno/a

que não apresenta dificuldades em leitura e produção de textos geralmente tem bom desempenho em todas as disciplinas, inclusive nas exatas, quando é o caso. Por isso, esse/a aluno/a não aumenta a lista de reprovação e evasão escolar e, ainda, reduz seu tempo de permanência no curso, uma vez que o progresso é sua motivação principal. Contudo, observa-se, lamentavelmente, um grande número de alunos/as com deficiência em produção de texto.

Os/As professores/as, por diversas razões, a exemplo do elevado número de alunos/as matriculados por turma (cerca de 55 alunos/as), não encontravam condições suficientes para trabalharem efetivamente essas habilidades com os/as alunos/as. Havia consenso de que as estratégias adotadas para ensino de produção de texto na Universidade precisavam ser modificadas, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo. Tendo em vista o melhor aproveitamento discente nessas disciplinas, incluindo a redução de índices de reprovação e evasão assim como de tempo de permanência do/a estudante, nosso projeto propôs a integração do uso de tecnologias de informação e comunicação às práticas de ensino-aprendizagem presenciais e o uso ativo de laboratório de produção de textos e orientações de reescritas textuais com o auxílio de alunos de pós-graduação bolsistas da universidade.

Essa é uma demanda premente para conseguirmos contemplar a ampla demanda das disciplinas de texto do LIP/IL e, sobretudo, para acompanharmos os avanços das metodologias de ensino-aprendizagem no contexto das novas tecnologias de comunicação e informação, garantindo, assim, o interesse e empenho dos/as estudantes em sua caminhada acadêmica. O ambiente acadêmico precisava incorporar tecnologias que lhes eram comuns no cotidiano para, dessa forma, romper a fronteira que ainda existia entre a Universidade e a vida do/a estudante, como se as práticas acadêmicas fossem desvinculadas das demais práticas sociais. Tudo isso, considerando-se que inovação e descoberta são etapas fundamentais do processo de aprendizagem, daí a importância de se assegurar que a escola seja o templo do ‘aprender a aprender’, onde aluno seja estimulado a buscar alternativas de aprendizagem segundo a identificação de suas próprias necessidades (Passarelli, 1993)¹.

Além do apoio das novas tecnologias aplicadas ao ensino presencial, este projeto se justificou pela proposta de implantação, na Universidade de Brasília, de um

¹ PASSARELLI, Brasilina. Hipermídia na aprendizagem - Construção de um protótipo interativo: a escravidão no Brasil. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, ABT, v. 22, n. 113/114, jul./out., 1993, p. 35-38.

Laboratório de Produção de Textos capaz de desenvolver atividades práticas de produção de texto atrativas para nossos/as alunos/as, que, pela experiência prática, puderam perceber em sua própria produção os avanços e conquistas que queremos. O trabalho no Laboratório contou com a coordenação da equipe de professoras da área de texto e com a colaboração de estudantes bolsistas. Essa equipe ampliada foi capaz de oferecer aos/às alunos matriculados/as nas disciplinas de texto, e interessados/as em ampliar sua competência em redação, um atendimento mais individualizado, voltado para atender às necessidades específicas desses/as alunos/as.

Por outro lado, os/as bolsistas envolvidos/as na proposta, alunos/as do curso de Letras, tiveram a oportunidade de desenvolver suas habilidades para o ensino, valorizando métodos baseados na perspectiva sociointeracional da linguagem, de acordo com o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

De modo complementar, o método desenvolvido foi pensado como forma de ser futuramente aplicado em projeto de extensão, cumprindo, dessa forma, o dever da Universidade de levar suas inovações para a comunidade, por meio de extensão em escolas públicas do Distrito Federal. Isso poderá contribuir efetivamente para a formação de alunos/as do curso de Letras da Universidade de Brasília.

Por meio da criação de um espaço apropriado para o desenvolvimento efetivo desse método, e da manutenção de uma equipe preparada para tal, oferecemos a nossos/as alunos/as a oportunidade de trabalharem seus textos e de perceberem a produção de texto como um processo dinâmico. Por meio de seu próprio trabalho com textos e de sua reflexão sobre a textualidade, nossos/as alunos/as puderam desenvolver a habilidade de revisar e editar seus textos. Tudo isso, foi de grande utilidade para os/as alunos/as buscarem o espaço do Laboratório de Produção de Textos.

O objetivo principal deste projeto foi a implantação de estratégias práticas para resolução do problema existente na oferta semestral das disciplinas de serviço dos departamentos LIP e LET do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

O método de trabalho na oferta das disciplinas de texto com suporte do uso de tecnologias de informação e comunicação foi integrado às atividades de texto desenvolvidas na Universidade, sobretudo, ao trabalho desenvolvido no Laboratório de Textos do LIP, cujo objetivo foi orientar presencialmente os/as alunos/as na revisão e reedição de textos produzidos nas aulas e nas habilidades de leitura instrumental de textos em Inglês.

A proposta foi ofertar os créditos práticos das disciplinas Leitura e Produção de Textos, Português Instrumental 1 no Laboratório presencialmente. Os créditos de caráter teórico foram oferecidos a partir das TCIs, pela plataforma de ensino Moodle. O trabalho foi coordenado pelos professores doutores do Instituto proponentes do projeto e incluiu os demais docentes de disciplinas de texto que se interessaram. A efetivação do projeto contou com a colaboração de tutores/as bolsistas, alunos/as dos cursos de licenciaturas em Letras da UnB, os quais realizaram as correções das tarefas gramaticais e dos textos escritos e de estudantes bolsistas de nossos Programas de Pós Graduação (PPGL/LIP).

Para o funcionamento da dinâmica proposta, o trabalho no Laboratório foi realizado em pequenos grupos, para que a equipe pudesse auxiliar cada aluno/a de forma mais particularizada do que tinha sido possível fazer em sala de aula, já que nossas turmas são numerosas.

Os/As bolsistas do projeto foram incentivados/as a produzir artigos, sob orientação das professoras coordenadoras, a respeito dos resultados obtidos. Eles(as) foram incentivados/as a apresentar esses resultados em eventos acadêmicos e a publicá-los. Assim, o projeto também pretendeu contribuir para a formação acadêmico-científica dos/as bolsistas envolvidos/as.

5. Considerações Finais

Com a implantação do Laboratório de Produção de Textos, criamos oportunidades para que os/as alunos/as matriculados/as nas disciplinas de texto da Universidade percebessem a produção de texto como processo, superando a percepção do texto como produto acabado. Assim, lançamos mão de estratégias para que o/a aluno/a desenvolvesse competências necessárias para revisar seu próprio texto, visando à clareza, à coerência, à coesão, à correção gramatical, enfim, às qualidades de um texto que levam à efetiva comunicação.

Possibilitamos, também, a avaliação do método de reescrita de textos para o ensino universitário de produção de texto. A relevância disso está no reconhecimento da ineficácia do trabalho atualmente desenvolvido, que pode ser percebido quando se avalia a produção escrita de alunos/as dos diversos cursos da Universidade. Assim, o que propomos é a revisão do método tradicionalmente utilizado, implementando mudanças significativas no ensino de produção de texto na Universidade de Brasília.

Outro resultado já alcançado foi o desenvolvimento de competências de pesquisa para os/as bolsistas do projeto, que foram incentivados/as a apresentar os resultados alcançados em eventos acadêmicos e a produzir artigos, articulando ensino e pesquisa, o que gerou nosso livro *“ATRAVESSANDO PONTES: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino”*.

Em última instância, acreditamos ser possível desenvolver projeto de extensão baseado nos resultados desta experiência, levando o método da reescrita para escolas públicas do Distrito Federal e colaborando na formação de futuros/as professores/as de Língua Portuguesa, alunos/as de Licenciatura em Letras da Universidade de Brasília.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º Ciclos. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

DIAS, Juliana. *A linguística do parto: cruzamentos de discursos, vozes e identidades*. Pontes, (no prelo).

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1981.

HALL, Stuart. *A identidade em questão*. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IVANIC, R. *Writing and identity*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins publishing company, 1997.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2008.

KLEIMAN, Ângela B. *Oficina de Leitura*. Teoria e Prática. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore. *As tramas do texto*. São Paulo: Contexto, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.

MOTTA-ROTH, Desirée. *Teorias de Gêneros Discursivos e Ensino de Línguas*. VI SIGET, Natal/UFRN. 2011.

_____. *Gêneros discursivos: Teoria e Ensino*. ABRALIN, VII Congresso Internacional da ABRALIN-UFPR. 07-09 de fevereiro de 2011. 2011.

_____. *A abordagem do texto em sala de aula pela Análise Crítica de Gênero*. II SIELP- II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, UberUniv. Federal de Uberlândia, 30/05 a 1º/06. 2012.

ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. EDUC, 2001.

SOARES, Maria Elias. *A produção de textos na escola*. Revista do GELNE. Ano 1. Nº. 1. 1999.

STEPHENS, J. *Language and ideology in children's fiction*. 2. ed. London and New, York, Longman, 1996.